redes da maré

EDUCAÇÃO DE MENINAS E COVID-19

NO CONJUNTO DE FAVELAS DA MARÉ

Apoio

MALALA FUND

EDUCAÇÃO DE MENINAS E COVID-19

NO CONJUNTO DE FAVELAS DA MARÉ

Apoio | MALALA FUND

SUMÁRIO

Introdução 5

Como a pandemia afetou a educação de meninas na Maré 7

Internet pelo celular 8

Ensino remoto 11

Rotina de estudos 12

O contexto da Maré 15

Cuidados domésticos 16

Recomendações ao poder público 17

Metodologia da pesquisa 18

Expediente e equipe da pesquisa 19

Educação de meninas e COVID-19 no Conjunto de Favelas da Maré

© YASMIN VELLOSO

INTRODUÇÃO

"É uma sensação de abandono pela educação, sensação de um ano perdido (...). Isso não foi pensado para uma criança de favela", diz a mãe de uma aluna de 12 anos, moradora de uma das favelas da Maré. O desabafo resume o desafio que estudantes, famílias, professores e escolas localizadas no conjunto de 16 favelas da zona norte da cidade do Rio de Janeiro enfrentaram no ano letivo de 2020, desde a suspensão das aulas presenciais por causa da pandemia de Covid-19. O depoimento faz parte da pesquisa **Educação de meninas e COVID-19 no Conjunto de Favelas da Maré**, levantamento com mais de mil moradoras para identificar os impactos da pandemia na educação.

Espera-se que os dados levantados possam subsidiar o planejamento de ações futuras de diferentes instituições que atuem na Maré e, também, qualificar o diálogo com o poder público para que políticas educacionais sejam efetivadas na região a partir das especificidades e demandas locais, buscando sempre a garantia do direito à educação.

A pesquisa foi realizada pela organização não governamental Redes da Maré em parceria com o Malala Fund, no âmbito de um projeto que busca garantir o acesso e a permanência de meninas e adolescentes da Maré na escola. Esse trabalho articula os objetivos das duas instituições. O Malala Fund foi criado, em 2013, com o objetivo de garantir 12 anos de educação gratuita, segura e de qualidade para meninas. A Redes da Maré atua, desde sua origem, buscando desenvolver projetos estruturantes para o desenvolvimento da Maré, em várias áreas. Especificamente em relação aos direitos de meninas e mulheres, a Redes da Maré criou em 2009 a Casa de Mulheres da Maré, espaço de referência de apoio sociojurídico e qualificação profissional. Além disso, a Redes da Maré é curadora do Festival de Mulheres do Mundo – WOW no Brasil. O WOW acontece, desde 2010, em mais de 20 países.

Participaram 1.009 moradoras, a partir dos 6 anos de idade, matriculadas em escolas de ensino regular ou em projetos educacionais na região. Os questionários foram respondidos no segundo semestre de 2020, em diferentes favelas que formam o Conjunto de Favelas da Maré.

"É uma sensação de abandono pela educação, sensação de um ano perdido (...). Isso não foi pensado para uma criança de favela"

"A escola em nenhum momento fez contato com a gente. (...) Então, ela tem estudado por conta própria. (...) Ninguém veio dar nenhum tipo de retorno ou perguntar como está."

© YASMIN VELLOSO

Como a pandemia afetou a educação de meninas na Maré

A suspensão das aulas presenciais, no Rio de Janeiro, ocorreu em 16 de março de 2020, como medida de isolamento social em função da pandemia de Covid-19. Pegas de surpresa e sem infraestrutura nem experiência com o ensino remoto, escolas no Brasil e no mundo foram, gradualmente, desenvolvendo estratégias de educação à distância.

Diretores e professores passaram a buscar alternativas para oferecer atividades pedagógicas, considerando as possibilidades de participação de seus alunos. Ainda que não imediatamente, as redes públicas disponibilizaram plataformas digitais, mas não conseguiram atingir a maioria dos estudantes, principalmente por causa das dificuldades de conexão à internet por parte de alunos e professores.

O esforço de educadores, estudantes e suas famílias para se adaptarem de forma abrupta à nova realidade foi louvável, mas a pandemia trouxe consequências graves. No contexto brasileiro, ela também escancarou ainda mais os efeitos perversos da desigualdade social. Em agosto de 2020, uma pesquisa da FGV Social nos dados da Pnad-Covid mostrou que jovens das classes A e B passavam, em média, 3h20min por dia em atividades escolares, durante a pandemia. Nas classes D e E, esse tempo médio caia para 2h09min.

34,7%
não tem acesso à internet em casa

26,6%
das escolas não estavam oferecendo atividades remotas

66,5%
conseguiam manter uma rotina de estudos em casa

27,7%
afirmaram estar estudando cinco dias ou mais por semana

A população de baixa renda, portanto, foi a mais penalizada. E, dentro dela, há grupos ainda mais vulneráveis, por terem que enfrentar também preconceitos de gênero, raça ou local de residência. O estudo **Educação de meninas e COVID-19 no Conjunto de Favelas da Maré** traz evidências disso.

A pesquisa mostra como a Covid-19 afetou a educação de meninas e mulheres na Maré. Mais de um terço delas – 34,7% – disseram não ter acesso à internet em casa, enquanto 26,6% relataram que suas escolas não estavam oferecendo atividades remotas. Mesmo quem tinha celular ou computador com internet esbarrava na baixa qualidade da conexão, sem falar nas dificuldades financeiras para pagar pacotes de dados que durassem até o fim de cada mês. Não à toa, apenas 66,5% das meninas e mulheres matriculadas nas escolas conseguiam manter uma rotina de estudos em casa, sendo que somente 27,7% delas afirmaram estar estudando cinco dias ou mais por semana.

A mãe, cujo depoimento aparece na introdução deste relatório[1] reclamou da falta de acompanhamento pedagógico. "Uma curiosidade que, inclusive, quem me chamou atenção foi minha própria filha, foi que a escola em nenhum momento fez contato com a gente. Ela está no 7º ano, a escola não tem grupo de WhatsApp e em nenhum momento eles fizeram contato, ninguém da direção, nenhum professor fez contato. Então, ela tem estudado por conta própria. Ela pega as matérias lá que estão sendo colocadas no Facebook, semanalmente, e tem estudado por conta própria. Ninguém veio dar nenhum tipo de retorno ou perguntar como está."

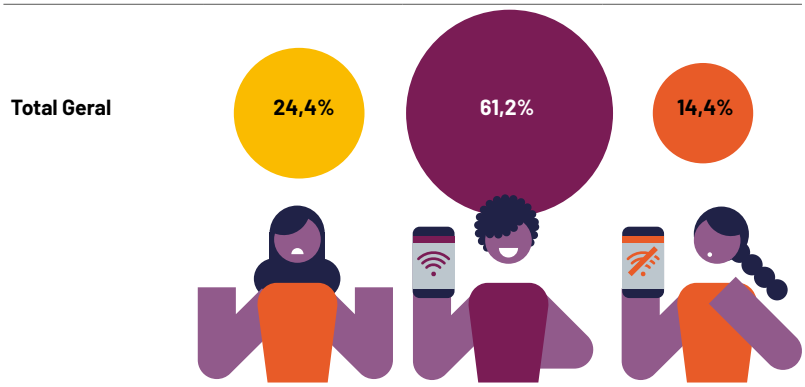
Entre os meios adotados pelas escolas para ofertar atividades remotas, o mais citado foi o aplicativo de mensagens WhatsApp (26,7%), seguido pelas aulas on-line via aplicativos de reunião, como Google Meet, Zoom ou Microsoft Teams (25,9%), e pela plataforma educacional Google Sala de Aula/Google ClassRoom (18,9%).

O percentual de meninas e mulheres que afirmaram não ter acesso à internet em casa – 34,7% – é quase o mesmo apontado pelo Censo Populacional da Maré, levantamento feito pela Redes da Maré, publicado em 2019. O referido censo teve como público-alvo toda a população do Conjunto de Favelas da Maré e não apenas meninas e mulheres, tendo revelado que 36,7% dos moradores não dispunham de conexão à internet na residência.

1. *Os nomes não foram divulgados por uma questão de sigilo da pesquisa.*

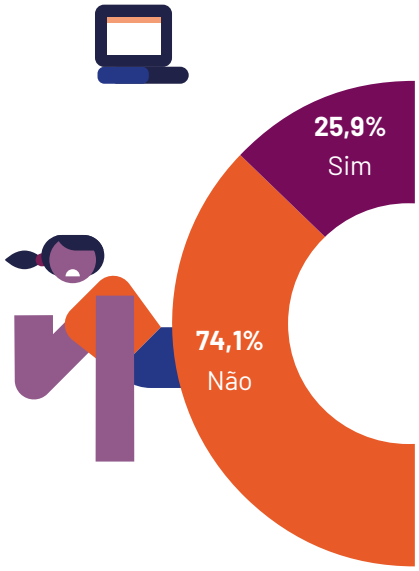
POSSE DE CELULAR, por faixa etária

Faixa etária	Não tem celular	Sim, celular com internet	Sim, celular sem internet
06 a 10 anos	53,1%	37,1%	9,8%
11 a 14 anos	25,0%	57,8%	17,2%
15 a 17 anos	12,3%	71,2%	16,6%
18 a 24 anos	6,8%	76,9%	16,3%
25 ou mais	3,3%	85,6%	11,1%



POSSE DE COMPUTADOR OU NOTEBOOK

% de entrevistadas



Internet pelo celular

A pesquisa sobre o impacto da pandemia na educação de meninas na Maré indica que a principal forma de acesso à internet se dá pelo celular. Ainda assim, uma vasta parcela de estudantes não possui o aparelho, o que obviamente limita a oferta de atividades remotas pelas escolas da Maré, prejudicando ou até mesmo inviabilizando a garantia do direito à educação dessas meninas e mulheres.

Quase um quarto das entrevistadas – 24,4% – afirmou não ter celular. Outras 14,4% disseram ter o aparelho, mas sem internet. A soma desses dois grupos totaliza 38,8% de estudantes sem celular ou sem condições de usar o aparelho para se conectar à rede mundial de computadores. Ou seja, quase quatro em cada dez meninas e mulheres.

Por outro lado, 61,2% das entrevistadas informaram possuir celular com internet, o que até poderia dar a impressão de que existe uma boa situação de acesso na Maré. Tal conclusão, no entanto, precisa levar em conta outros fatores. Um primeiro é que o serviço de internet oferecido pelas operadoras de telefonia na região é precário, pois não há investimentos para a melhoria do sinal. Além disso, a maioria dos moradores tem pacotes de dados limitados que muito frequentemente não duram até o fim do mês, quando só então o pacote é renovado.

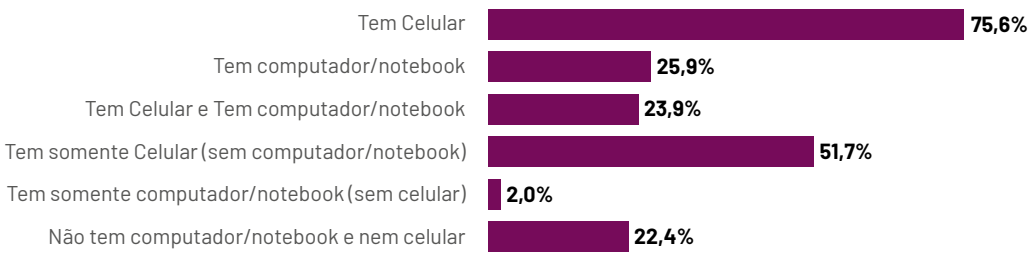
24,4%
não tem celular

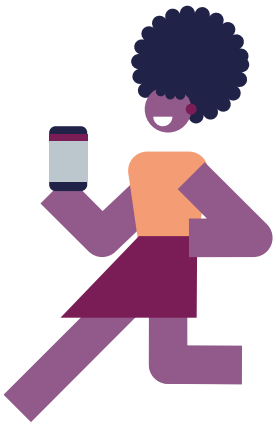
14,4%
tem celular, mas sem internet

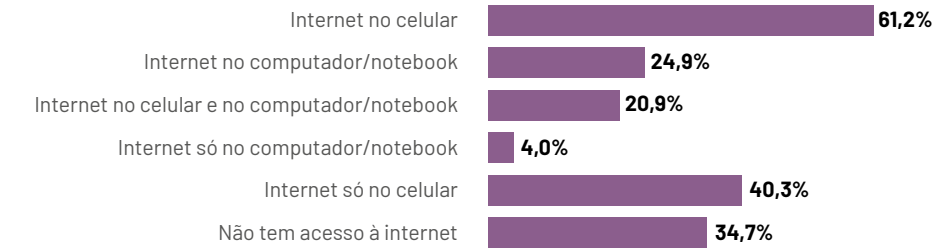
A análise das respostas por faixa etária mostra que a situação é menos favorável entre as crianças, grupo que concentra o maior número de estudantes na Maré. De acordo com o levantamento, 53,1% das meninas de 6 a 10 anos não tinham celular, e 9,8% das que tinham não contavam com acesso à internet. Ao todo, eram 62,9% de meninas impossibilitadas ou com maior dificuldade de acompanhar atividades escolares pelo celular, já que, para isso, dependiam da existência e da disponibilidade de aparelhos de outros moradores da casa.

Importante lembrar também que a faixa dos 6 aos 10 anos corresponde aos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano), etapa em que ocorre a alfabetização. Na Maré, somente 37,1% das meninas, nessa faixa etária, possuíam celular com internet.

POSSE DE CELULAR, COMPUTADOR/NOTEBOOK E CONEXÃO À INTERNET, em %







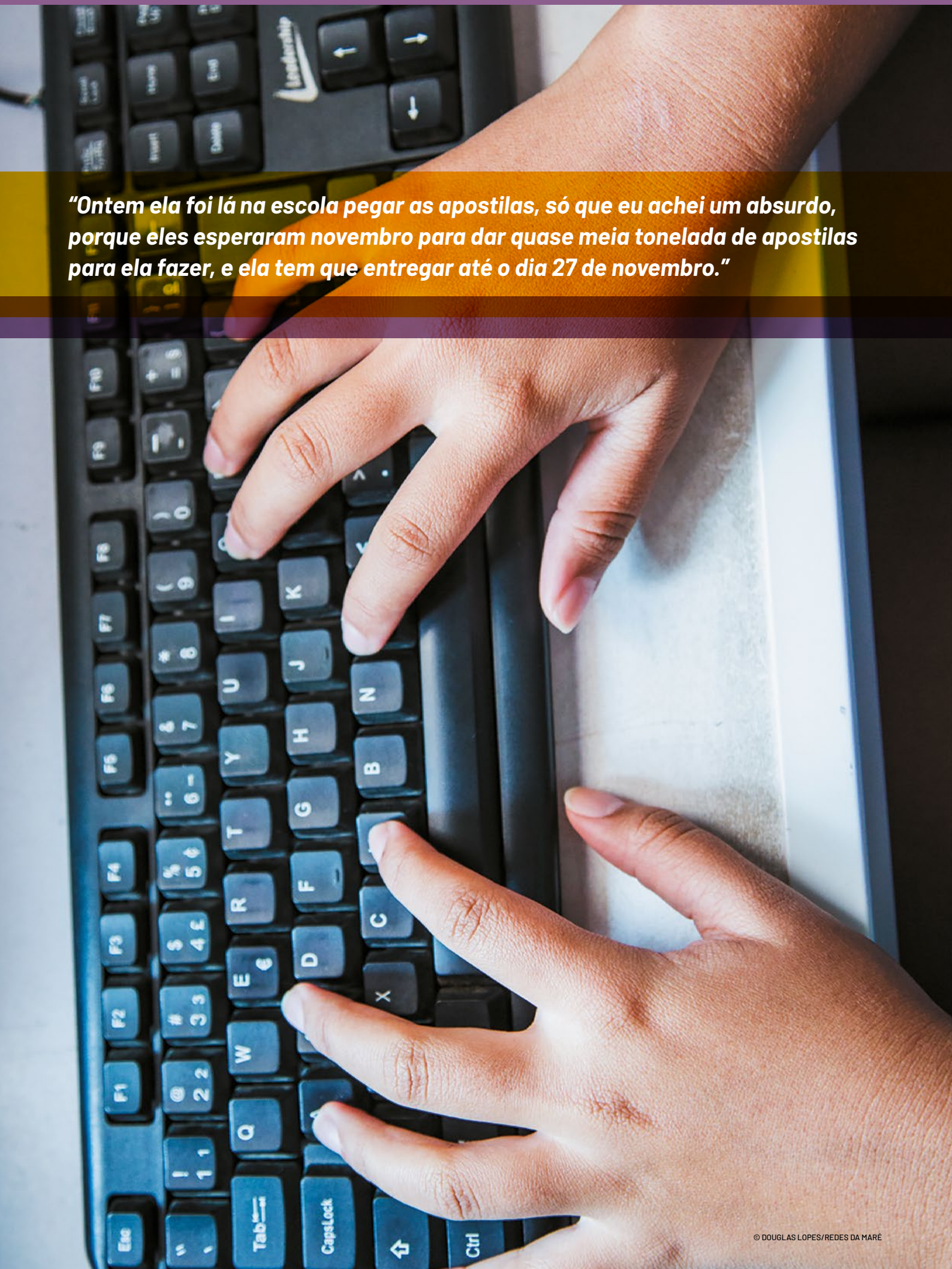
74,1%
não possuem computador

Considerando que em torno de 80% dos estudantes matriculados em escolas públicas da Maré tem até 14 anos de idade, percebe-se que, certamente, existem dificuldades de acesso a conteúdos disponibilizados pelas escolas por meio de telefones celulares. Outra forma de se conectar e acompanhar as atividades remotas é por meio do computador, seja de mesa (desktop) ou portátil (laptop). A pesquisa aponta, contudo, que somente 25,9% das entrevistadas têm um computador, ante 74,1% que não possuem esse tipo de equipamento.

A mãe de uma menina de 10 anos, aluna do 5º ano do ensino fundamental, contou que a filha acabou abandonando as aulas remotas: "Foi difícil, muito difícil para minha filha acompanhar esses estudos on-line. Ela, no começo, até acompanhou algumas matérias, mas não estava mais conseguindo dar conta, porque a gente não tem uma internet boa nas comunidades, e tem o telefone dela que não aguenta, é um telefone quebrado, antigo. Ela até falou para mim: 'Mãe, eu tento estudar, mas só que não estou conseguindo.' Aí ela forçando a vista, porque o telefone ficava grudado na cara dela. E a gente não achou correto cobrar muito dela, tentar tirar o máximo dela, porque ela tentou. Aí ela desistiu porque ficou difícil, eu via o quanto ela ficava frustrada."

Essa mãe relatou que a saída encontrada pela família foi pagar aulas particulares a uma "explicadora", para que a filha aprendesse algo. "Como mãe, a gente fica indignada, estarrecida, porque é muito triste você cobrar as coisas para seus filhos e não ter mais estudos para eles. É preciso investir neste futuro do amanhã, que são essas crianças. Minha filha quer acompanhar e não consegue, às vezes ela vai até para a casa da prima dela, que tem um computador, mas a internet não ajuda."

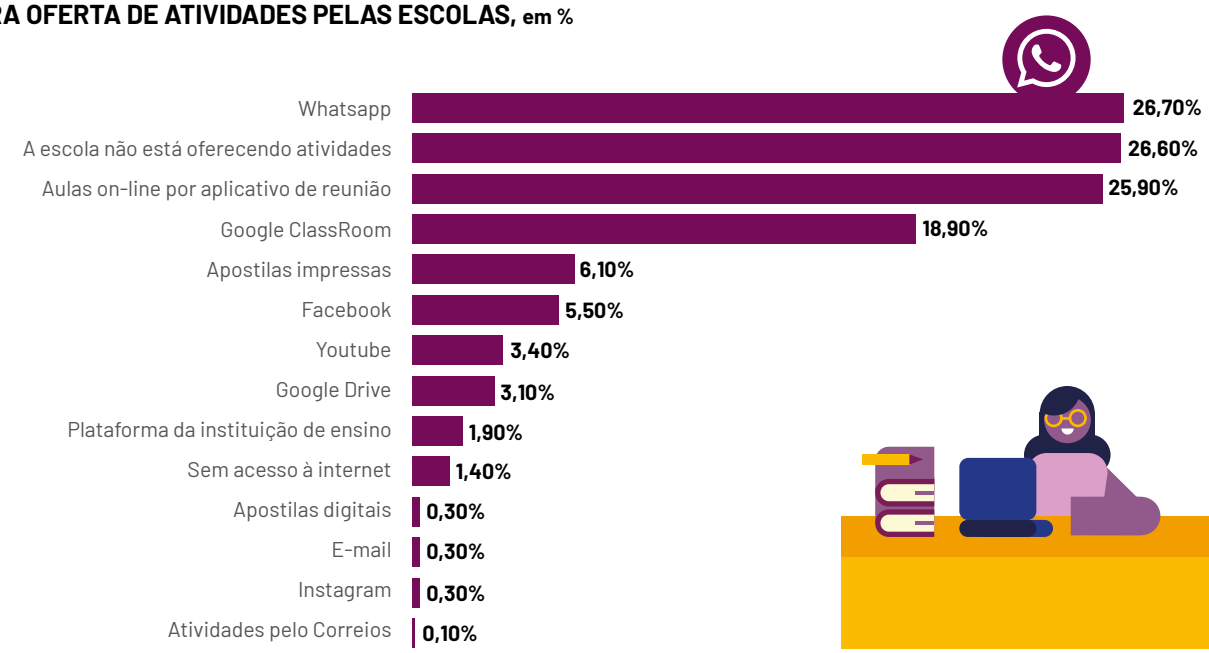
"Foi difícil, muito difícil para minha filha acompanhar esses estudos on-line. Ela, no começo, até acompanhou algumas matérias, mas não estava mais conseguindo dar conta, porque a gente não tem uma internet boa."



"Ontem ela foi lá na escola pegar as apostilas, só que eu achei um absurdo, porque eles esperaram novembro para dar quase meia tonelada de apostilas para ela fazer, e ela tem que entregar até o dia 27 de novembro."

© DOUGLAS LOPES/REDES DA MARÉ

MEIOS PARA OFERTA DE ATIVIDADES PELAS ESCOLAS, em %



Ensino remoto

Vale lembrar que, na Maré, a dificuldade de acesso à internet é reflexo não apenas do serviço precário oferecido pelas empresas que dominam o mercado, mas também da dificuldade financeira para a aquisição de pacotes de dados capazes de garantir o acesso dos estudantes às atividades digitais, quando oferecidas pelas escolas.

Nesse sentido, não surpreende que o WhatsApp, ferramenta digital que requer uma qualidade moderada de internet, seja a opção mais citada na pesquisa, à frente inclusive dos aplicativos de reunião, que dependem de conexões mais potentes e estáveis.

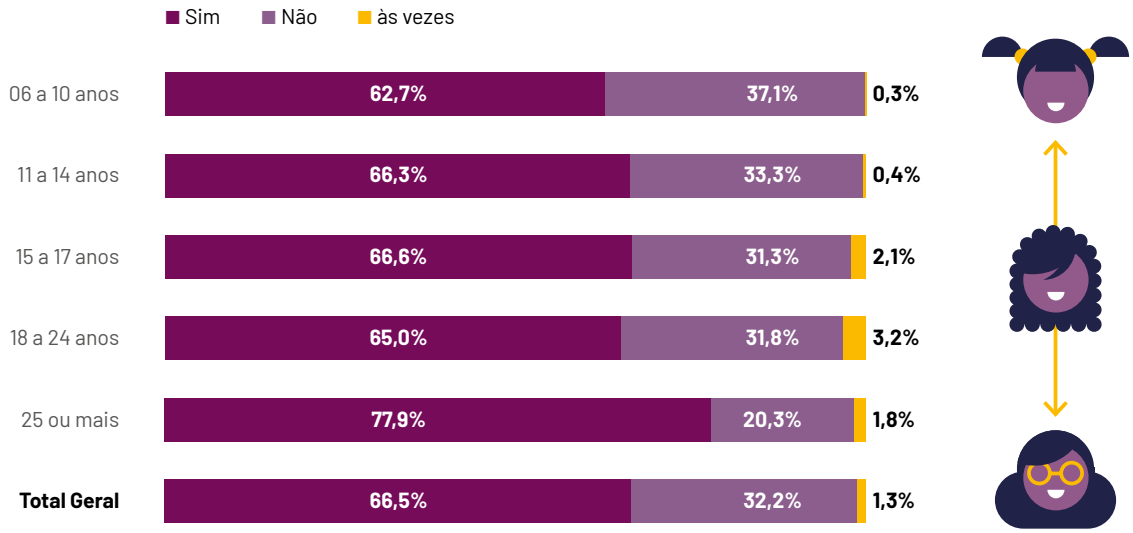
Resultado das dificuldades de conectividade e da ausência de uma política pública efetiva para minimizar os impactos negativos da exclusão digital, as escolas e redes de ensino tiveram que lançar mão de diversos meios para manter o processo de escolarização dos estudantes. Merece registro a baixa menção às apostilas impressas (6,1%), especialmente quando se sabe que o Ministério da Educação, periodicamente distribui livros didáticos às escolas.

A mãe de uma adolescente de 17 anos, aluna do 1º ano do ensino médio, destacou o impacto positivo da apostila impressa para que a filha participasse das atividades escolares: "As crianças, na minha, casa não estão se sentindo muito bem com essa pandemia, porque elas só querem sair para brincar e eu fico repreendendo. As escolas estão enviando material on-line e elas também não estão querendo fazer, porque falaram que assim também não vão aprender nada. Só se interessaram agora, depois que chegou a apostila da escola, para fazer os deveres, que eles acham que têm que fazer dever, têm que fazer no papel ou então na sala de aula, aí elas se interessaram."

6,1%
mencionaram o uso de apostilas impressas.

Essa mãe criticou, contudo, o excesso de conteúdo enviado de uma única vez, já no fim do ano: "Ontem ela foi lá na escola pegar as apostilas, só que eu achei um absurdo, porque eles esperaram novembro para dar quase meia tonelada de apostilas para ela fazer, e ela tem que entregar até o dia 27 de novembro, senão vai ser reprovada. Aí ela já não aceitou, mas eu falei com ela que ela vai ter que fazer."

ROTINA DE ESTUDAR EM CASA, POR FAIXA ETÁRIA



Rotina de estudos

Manter a rotina de estudos dos filhos em casa é um desafio para a maioria das famílias, independentemente da classe social. Mas o desafio aumenta quando falta um local adequado já que a vizinhança é barulhenta; quando os pais precisam trabalhar fora de casa; ou quando há dificuldade de conexão à internet, seja pelo sinal fraco ou pela falta de equipamentos, como celular e computador.

Na Maré, a pesquisa indicou que, em média, 66,5% das estudantes matriculadas na escola estavam conseguindo manter uma rotina de estudos em casa, enquanto 32,2% não. A opção "às vezes" foi assinalada por 1,3% das respondentes.

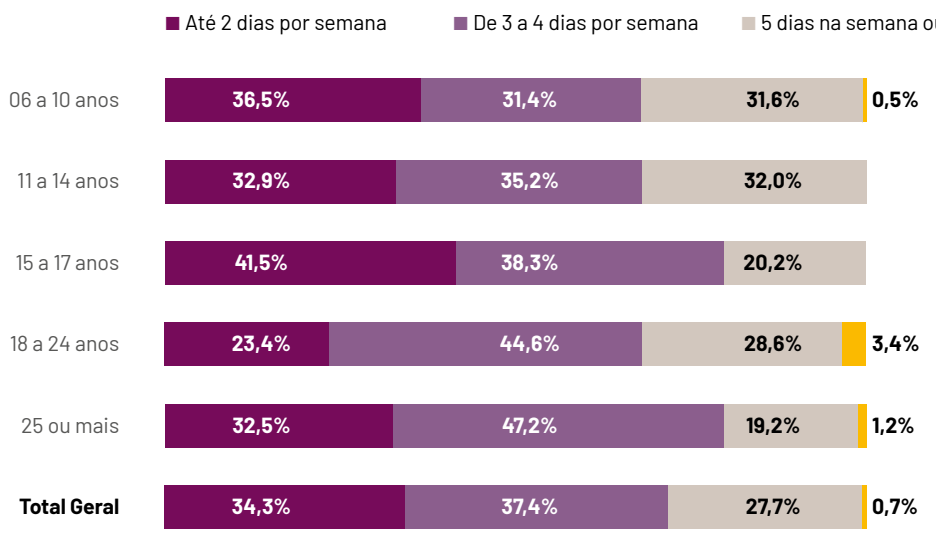
O percentual de meninas com rotina de estudos cai para 62,7% na faixa de 6 a 10 anos – como já dito anteriormente, a fase da alfabetização – e sobe para 77,9% entre mulheres de 25 anos ou mais. Nas demais faixas etárias, os percentuais eram de 66,3% (11 a 14 anos), 66,6% (15 a 17 anos) e 65% (18 a 24 anos).

O levantamento identificou, também, a frequência semanal com que as alunas estudavam em casa. Apenas 27,7% relataram estudar cinco dias por semana ou mais, enquanto 37,4% disseram estudar de três a quatro dias por semana e outras, 34,3%, revelaram estudar até dois dias por semana.

A soma das respostas "de três a quatro dias por semana" e "até dois dias por semana" totaliza 71,7%. Fica evidente, assim, que a frequência semanal de estudo da maioria das alunas era menor no período de ensino remoto do que o esperado no período de aulas presenciais, antes da pandemia.

Foi muito complicado no início para ela entender a nova forma de estudar e a grande demanda de coisas para fazer em casa com auxílio não mais da professora, mas agora puramente dos familiares."

NÚMERO DE DIAS POR SEMANA QUE ESTUDA EM CASA, por faixa etária



A análise por faixa etária mostra que 32% das alunas de 11 a 14 anos afirmaram estar estudando cinco dias por semana ou mais – maior percentual registrado. No extremo oposto, apenas 19,2% das mulheres de 25 anos ou mais assinalaram essa opção. Já o maior percentual de alunas que relataram estar estudando, no máximo, dois dias por semana foi registrado entre as adolescentes de 15 a 17 anos, com 41,5%.

A mãe de uma menina de 9 anos, aluna do 3º ano do ensino fundamental, fez um relato por escrito sobre alguns dos desafios da educação não presencial: "A adaptação ao ensino remoto, que inicialmente acontecia por vídeos enviados pela professora e, posteriormente, evoluiu para aulas diárias e ao vivo. Foi muito complicado no início para ela entender a nova forma de estudar e a grande demanda de coisas para fazer em casa com auxílio não mais da professora, mas agora puramente dos familiares."

Essa mesma mãe destacou também a necessidade de estar presente durante as aulas remotas para evitar que a filha dormisse: "Há falta de motivação de assistir às aulas pelo computador, pois as aulas acontecem a partir das 7h30 da manhã. No início, ela deitava no sofá e dormia no meio da aula. Minha estratégia foi ficar no mesmo cômodo que ela durante toda a aula ou conferir constantemente se estava tudo ok."

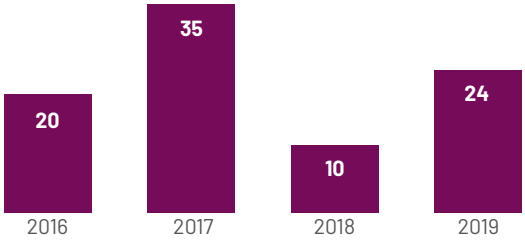
Por fim, essa mãe comentou como as aulas de educação física faziam falta para a sua filha, que passara a ficar a maior parte do tempo em casa, e citou a necessidade de "adaptação da casa, para que pudéssemos garantir um cômodo silencioso, com conforto e com boa qualidade de internet".

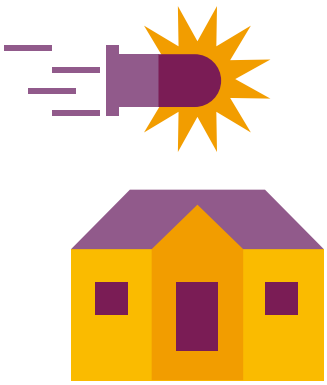
"Há falta de motivação de assistir às aulas pelo computador, pois as aulas acontecem a partir das 7h30 da manhã. No início, ela deitava no sofá e dormia no meio da aula. Minha estratégia foi ficar no mesmo cômodo que ela durante toda a aula ou conferir constantemente se estava tudo ok."

O Conjunto de Favelas da Maré é formado por 16 favelas, onde vivem 139 mil pessoas. Trata-se do mais populoso conjunto de favelas da capital fluminense, com mais de 47 mil domicílios.

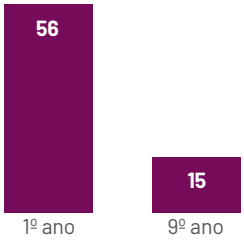
© YASMIN VELLOSO

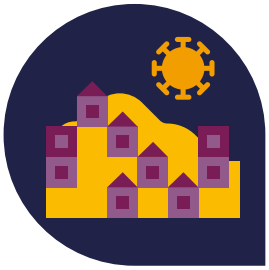
NÚMERO DE DIAS EM QUE PELO MENOS UMA ESCOLA DA MARÉ FICOU SEM AULAS DEVIDO A CONFRONTOS





NÚMERO DE TURMAS NO ENSINO FUNDAMENTAL NA REDE MUNICIPAL, em jul/2019





O contexto da Maré

A pandemia evidenciou a ausência do Estado e de políticas públicas em diferentes áreas, principalmente para a população de favelas e periferias. O isolamento social, ainda que legítimo e necessário, trouxe consequências diretas para o setor de serviços e deixou sem renda, ou com renda reduzida, a maioria da população que trabalha em condições precárias, sem vínculos formais de trabalho. De uma hora para outra, muitos perderam a possibilidade de alimentar suas famílias e tentaram se cadastrar no programa de auxílio emergencial do governo federal.

Logo nas primeiras semanas da pandemia, quando as autoridades sanitárias preconizavam a lavagem frequente das mãos com água e sabão, quase todas as favelas da Maré tiveram seu fornecimento de água interrompido por falha do sistema. Solucionado o problema, o que se viu foi que faltavam sabonetes, álcool, máscaras, remédios e comida.

O Conjunto de Favelas da Maré é formado por 16 favelas, onde vivem 139 mil pessoas, segundo o Censo Populacional da Maré. Trata-se da favela mais populosa da capital fluminense, com mais de 47 mil domicílios. O Censo mostrou, ainda, que 52% da população tinha menos de 30 anos.

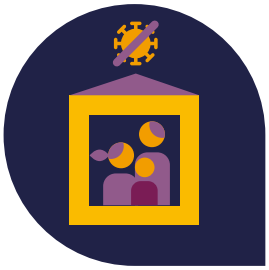
A violência urbana, estabelecida através de confrontos armados, tem feito parte da vida dos moradores das 16 favelas da Maré. Estes têm que conviver com a violação de direitos, decorrente da atuação de grupos criminosos armados, mas também com a militarização das ações policiais que, historicamente, tem desrespeitado a população nos seus direitos mais básicos, como a inviolabilidade de domicílios, por exemplo. Dessa forma, temos consequências gravíssimas para a vida da população, considerando as necessidades para o pleno desenvolvimento da região e para a garantia de direitos, entre eles, a educação.

A começar pelo funcionamento das escolas. Boletins sobre o direito à segurança pública editados pela Redes da Maré registram o número de dias, a cada ano letivo, em que pelo menos uma escola da Maré ficou sem aulas devido a confrontos. Em 2016, foram 20 dias; em 2017, 35; em 2018, 10; e, em 2019, 24.

Dados da rede municipal, de julho de 2019, revelam que havia 56 turmas de 1º ano do ensino fundamental e apenas 15 do 9º ano. Ou seja, uma diferença de 41 turmas entre o início e o fim do ensino fundamental, o que indica como a reprovação e o abandono parecem afetar a escolarização de crianças e adolescentes na Maré.

52%
da população tem menos de 30 anos

É consenso que a qualidade da educação oferecida às crianças e aos adolescentes decorre tanto de fatores externos quanto internos às escolas. Nesse sentido, crianças e adolescentes da Maré estão, por um lado, sujeitos às adversidades presentes na educação pública brasileira e, de outro, a certas especificidades locais, como a violência que resulta em suspensão das aulas, com redução do número de dias letivos. É sabido, também, que o baixo desempenho é o grande gerador de evasão escolar e de distorção idade-série.



Cuidados domésticos

É comum que irmãos mais velhos fiquem responsáveis por cuidar dos irmãos mais novos, enquanto os adultos estão trabalhando. Considerando que tal situação poderia dificultar o acompanhamento de atividades escolares por parte das meninas, buscou-se saber se isso estava ocorrendo em cada família e, em caso afirmativo, qual o grau de parentesco entre a respondente e a pessoa cuidada.

O resultado foi que 80,7% das participantes declararam não ser responsáveis pelo cuidado de outra pessoa, índice que pode estar associado à pouca idade da maior parte da amostra, formada por meninas e adolescentes de 6 a 17 anos. Nesse sentido, dois terços (67%) das entrevistadas que estavam cuidando de alguém eram mulheres de 25 anos ou mais. Elas tomavam conta principalmente dos filhos ou da mãe.

67%

das mulheres que estavam cuidando de alguém tinham 25 anos ou mais

Quase dois terços das participantes (66,1%) moravam em domicílios onde residiam, no máximo, quatro pessoas. Esse percentual era assim distribuído: 1% (uma pessoa); 11,1% (duas pessoas); 22,6% (três pessoas); e 31,4% (quatro pessoas). Apenas 15% das meninas e mulheres responderam viver em lares com seis ou mais moradores.

Mesmo quando não tinham a responsabilidade de cuidar de uma criança de menor idade, é importante destacar que a existência de mais de uma criança num mesmo domicílio tornava ainda mais desafiadora a tarefa de viabilizar o tempo de estudo em condições precárias. Uma das mães, entrevistadas na pesquisa, contou como isso afetava a rotina familiar: "Se você tem mais de um filho e essa criança demora a pegar o vídeo, demora para receber o conteúdo, demora para receber a matéria, o outro vai demorar também, vai ter que esperar essa criança acabar para poder fazer. E aí tem a questão de pouca privacidade, do barulho que a gente é atravessado e que atrapalha na concentração da criança."

Apesar dessa constatação, é preciso registrar que ainda existe, no senso comum, a crença de que famílias de favelas são numerosas, vivendo em espaços pequenos e insalubres. Apesar de variações entre cada favela, a média de habitantes por domicílio na Maré segue a média municipal. O Censo Demográfico de 2010, do IBGE, apurou a média de 2,92 moradores por domicílio na cidade do Rio de Janeiro e de 3,11, na Maré. Já o Censo Populacional da Maré registrou a média de 2,91, variando entre 2,60, no Parque Rubens Vaz, e 3,77, no Conjunto Bento Ribeiro Dantas.

Quanto à composição familiar, foi identificada a predominância de padrões tradicionais, em que a participante da pesquisa afirmou morar com mãe, pai e irmã(o) (30,9%); mãe e irmã(o) (15,7%); pai e mãe (9,2%); ou somente mãe (9%). Somadas as diferentes composições, 78,3% das respondentes declararam morar com a mãe, figura mais presente nos lares da Maré.

"Se você tem mais de um filho e essa criança demora a pegar o vídeo, demora para receber o conteúdo, demora para receber a matéria, o outro vai demorar também, vai ter que esperar essa criança acabar para poder fazer."

Recomendações ao poder público

Com o início da pandemia e a necessidade de distanciamento social, entre outras medidas, acentuaram-se as desigualdades que, historicamente, vulnerabilizam a população de favelas e periferias.

O acesso limitado à internet e a falta de equipamentos dificultaram o ensino remoto, levando escolas da rede pública a buscar alternativas como o envio de atividades por WhatsApp. Tal estratégia demanda a impressão semanal de atividades escolares pelas famílias, gerando um custo que nem sempre elas podem suportar.

O risco de aumento da evasão escolar também preocupa. É que a perda de vínculo com a escola, seja por impossibilidade de participar das aulas remotas ou por falta de motivação para as atividades on-line, assim como o medo de contágio no retorno das aulas presenciais poderá levar estudantes a não se matricular em 2021.

DIANTE DESSE QUADRO, A PESQUISA EDUCAÇÃO DE MENINAS E COVID-19 NO CONJUNTO DE FAVELAS DA MARÉ FAZ AS SEGUINTES RECOMENDAÇÕES AO PODER PÚBLICO:

- **Exigir das concessionárias de telefonia maior qualidade de acesso à internet, considerando as especificidades do território.**
- **Criar alternativas pedagógicas para os estudantes que não têm acesso à internet, de modo que mantenham o vínculo com a escola e recebam apoio pedagógico dos professores.**
- **Garantir que os conteúdos, referentes ao ano letivo de 2020, sejam ensinados e/ou recuperados, em 2021.**
- **Definir uma política educacional clara que apoie professores e gestores na garantia do direito à educação.**
- **Investir na formação de professores para que esses profissionais consigam atuar, da melhor maneira possível, durante a pandemia.**
- **Criar uma articulação entre as redes de ensino municipal e estadual, já que muitos alunos que estavam no último ano do ensino fundamental, sob responsabilidade da rede municipal, passarão a estudar em escolas estaduais de ensino médio.**
- **Promover a busca ativa dos alunos que estão fora da escola, identificando e resolvendo os problemas que impedem sua participação nas atividades remotas, híbridas ou presenciais; o esforço deve envolver outras áreas do governo, em uma política intersetorial capaz de garantir o direito à educação.**
- **Instalar na Maré um escritório da IV Coordenadoria Regional de Educação (CRE), estrutura da Secretaria Municipal de Educação responsável pela gestão das escolas em diferentes bairros da cidade, inclusive na Maré. Atualmente a IV CRE se localiza em Olaria, o que dificulta o atendimento das famílias de estudantes da Maré.**

© YASMIN VELLOSO

Metodologia da pesquisa

O estudo foi realizado no âmbito da parceria entre a **Redes da Maré** e o **Malala Fund**, iniciada em abril de 2020. O objetivo é fortalecer políticas públicas que ajudem a reduzir o número de meninas de 11 e 17 anos fora da escola, promovendo o acesso à educação, a frequência e o combate à evasão.

A pesquisa foi feita por meio de questionário com 28 perguntas, respondido, majoritariamente, pelas mães ou por mulheres das famílias das estudantes. Isso não se aplica, claro, às entrevistadas adultas. Várias mães também deram depoimentos sobre como percebiam a educação das filhas durante a pandemia.

Para fins de definição da amostra, o Conjunto de Favelas da Maré foi dividido em quatro áreas, cobrindo 16 comunidades: Conjunto Esperança, Conjunto Pinheiros, Salsa e Merengue, Vila do Pinheiros, Vila do João, Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Nova Maré, Nova Holanda, Parque Maré, Parque Rubens Vaz, Parque União, Roquete Pinto, Praia de Ramos e Marcílio Ramos.

A **Redes da Maré** é uma instituição da sociedade civil que tem como missão garantir que sejam efetivados os direitos da população que reside no conjunto de 16 favelas da Maré. Para isso, realiza 14 projetos educativos que atendem cerca de mil moradores por ano: de cursos pré-vestibular ou preparatórios para o ensino médio e para o 6º ano do ensino fundamental a educação de jovens e adultos (EJA), passando por reinserção de crianças na escola, curso de idiomas e qualificação profissional.

O **Malala Fund** é uma organização internacional, sem fins lucrativos, que apoia iniciativas para que todas as meninas possam ter acesso a 12 anos de educação gratuita, segura e de qualidade. Foi fundado, em 2013, por Malala Yousafzai, ativista pela educação feminina e mais jovem laureada com o Prêmio Nobel (ela conquistou o Prêmio Nobel da Paz de 2014), e por seu pai, Ziauddin Yousafzai. O fundo atua em oito países: Afeganistão, Brasil, Etiópia, Índia, Líbano, Nigéria, Paquistão e Turquia. No Brasil, apoia sete instituições nos estados de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.

EXPEDIENTE

Texto	Andréia Martins
Edição	Antônio Gois e Demétrio Weber
Projeto gráfico e diagramação	Estúdio Kanno e Fabio Bosque
Fotografia	Yasmin Velloso e Douglas Lopes/Redes da Maré
Revisão	Eliana Sousa Silva

EQUIPE DA PESQUISA

Coordenação da pesquisa	Andréia Martins e Kelly Marques
Supervisão de Campo	Alessandra de Souza Pinheiro
Equipe de pesquisadoras de campo	Ana Claudia de Oliveira Britto, Clara Martinez França, Doralice Soares da Silva, Edilene Rodrigues de Santana Silva, Lidiane dos Santos Felipe, Thais Martinez França Barbosa, Zeneida Duarte Belo
Tratamento e tabulação de dados	Bianca Polotto Cambiaghi, Dalcio Marinho Gonçalves, João Carlos Pivatto Lipke, Thais de Jesus Custodio
Análise dos dados e relatório final	Andréia Martins e Dálcio Marinho

redes da maré

Apoio

MALALA FUND

© YASMIN VELLOSO

MAIS INFORMAÇÕES, SIGA AS NOSSAS REDES

WWW.REDESDAMARE.ORG.BR /REDESDAMARE